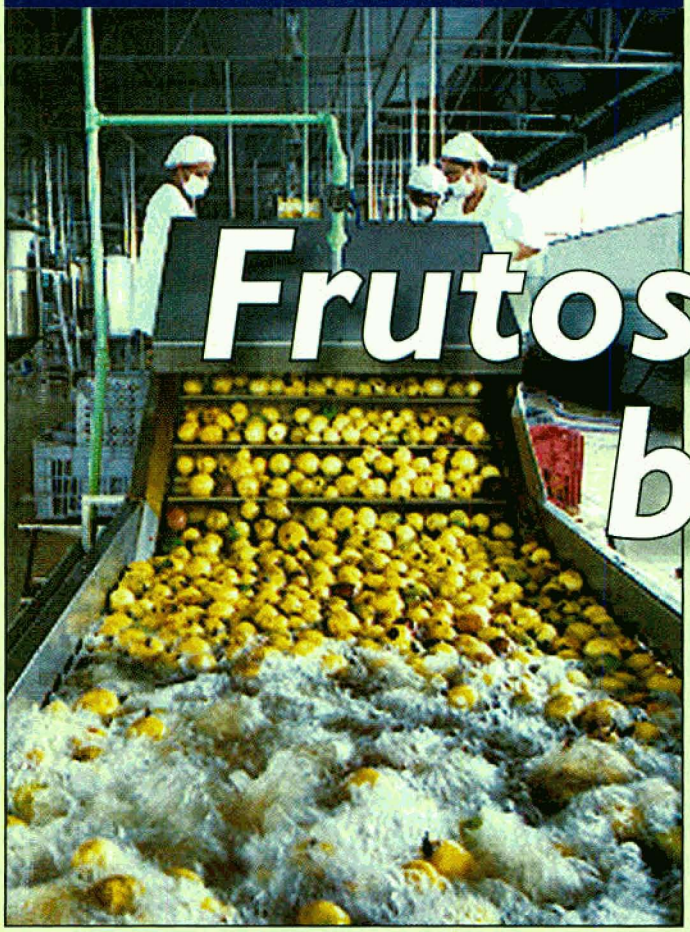
Fotos: Geraldo Viola

FRUTICULTURA



# Frutos de uma boa idéia

*O Pólo de Fruticultura Irrigada do Norte e Noroeste Fluminense começa a produzir resultados de encher os olhos... e o bolso*

**CLÁUDIA GUERREIRO**
Especial para AGROANALYSIS

Lavagem e seleção de maracujás para a fabricação de polpas

Como transformar regiões semi-áridas do Norte e Noroeste Fluminense, acostumadas à monocultura da cana-de-açúcar, em milhares de hectares de frutas de excelência para exportação? A resposta é simples: por meio da fruticultura irrigada. Os resultados surpreendentes já foram comprovados por agricultores que, utilizando sementes de alta qualidade, plantadas e irrigadas corretamente, assistem à multiplicação de abacaxis, maracujás, cocos, bananas, goiabas, figos, mamões, mangas e pinhas de encher os olhos. E o bolso.

Para estimular e viabilizar cada vez mais a produção integrada de frutas (PIF) na região, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e o Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae-RJ) promoveram, entre os dias 29 e 30 de maio, no Centro Federal de Educação Tecnológica da cidade de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, o III Encontro de Fruticultura Irrigada do Norte/Noroeste.

O evento, que a cada ano desperta atenção crescente, contou com a presença do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues; da governadora do estado, Rosinha Matheus; do presidente do grupo Firjan/Sebrae-RJ, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, e de vários expositores internacionais, como a multinacional espanhola Agromelhora Taperão, associada à brasileira Plastro do Brasil.

Reunindo empresas de toda a cadeia de fruticultura – de produtores de mudas a embalagens, passando por empresas de refrigeração –, o Encontro de Fruticultura Irrigada já se tornou referência para os produtores da região, comprovando a importância e o sucesso do empreendimento lançado pelos governos federal, estadual e municipal, em parceria com o grupo Firjan/Sebrae-RJ.

## HISTÓRIA DE SUCESSO

O cultivo de frutas para exportação no Norte Fluminense foi iniciado na década de 1980, quando a Firjan encomendou à Fundação Getulio Vargas (FGV) um estudo sobre as potencialidades agrícolas do estado do Rio de Janeiro. O objetivo era identificar

a vocação de cada região, para nelas implantar projetos que pudessem aproveitar a mão-de-obra local. Se de um lado os níveis de pobreza do Norte e Noroeste já eram comparáveis aos do sertão nordestino, de outro, o grande potencial da região para a produção de frutas tropicais também era notório.

Os resultados iniciais apontaram para uma área cultivável na região que variava entre 180 mil e 200 mil hectares. A área equivalia à da plantação total de frutas do Chile, e deixava antever excelentes possibilidades para tornar o estado do Rio de Janeiro um dos maiores fornecedores de frutas do país.

Em 1999, um ano após a criação do Pólo de Fruticultura Irrigada das Regiões Norte e Noroeste Fluminense, a Firjan e o Sebrae-RJ organizaram um grupo executivo para a sua implementação. O trabalho, feito através da promoção de eventos e articulações institucionais, conquistou o apoio oficial. Assim, com recursos oriundos dos *royalties* do petróleo, investiu-se na produção de frutas para exportação.

A partir de então, foram iniciados o cadastramento e o treinamento de produtores, com a divulgação de oportunidades de investimento e comercialização de produtos ligados à fruticultura. Em paralelo, o governo do estado lançou um programa de financiamento especial para pequenos produtores – o Frutificar – , que também oferecia condições vantajosas para as empresas industriais e comerciais, conhecidas como empresas integradoras, que demonstrassem interesse em comprar a produção de frutas da região.

A implantação do Pólo – hoje em franco processo de desenvolvimento – trouxe para a região um crescimento que se destaca pela geração de empregos. Cada hectare de maracujá, por exemplo, emprega quatro trabalhadores; com isso, a média final é de três lavradores por hectare. No total, criaram-se 15 mil novos postos de trabalho.

O coordenador operacional do Grupo Executivo de Fruticultura, Antônio Salazar Brandão, destaca que serão necessários alguns anos – "mais ou menos uns 10" – para que o aproveitamento da área seja total. "Mas esse começo foi surpreendentemente bom e todas as pessoas envolvidas estão sentindo isso. Além disso, o estado do Rio de Janeiro tem uma excelente infra-estrutura logística, o que torna o custo dos transportes menores se comparados a outras regiões do país. Tudo isso dá ao Rio uma enorme vantagem competitiva na hora de exportar".

No momento, o grande desafio é a mudança de cultura em uma região do estado que desconhecia os benefícios que o cultivo de frutas poderia trazer. A cana-de-açúcar, ao norte, e a pecuária, no noroeste, eram as marcas da região. Salazar observa que embora essa seja a principal dificuldade, tão logo seja ultrapassada a fruticultura tomará um impulso muito maior. "Temos potencial para exportar, mas também queremos alcançar as vendas internas. Assim que a

## *Bem-vindo abacaxi*

Único produtor de abacaxi do município de São João da Barra, o fruticultor José Cláudio de Oliveira planta ananás há dois anos e está bastante satisfeito com os resultados alcançados até agora. "Sou novato; nunca havia plantado nada antes. Trabalhava como mecânico de automóveis e um dia decidi mudar de atividade. Como gosto muito da roça, resolvi ser agricultor. Foi a melhor coisa que fiz. Procurei o Banco do Brasil e me inscrevi no Projeto Frutificar, que do meu ponto de vista é excelente. Se a pessoa trabalhar direito paga as dívidas do empréstimo e ainda sobra dinheiro para outros investimentos. Ano que vem pretendo cultivar outro tipo de abacaxi, o pérola, usando meu próprio dinheiro. Além disso, emprego na minha plantação três lavradores. Durante a época da colheita, esse número chega a 10. Sinto que estou contribuindo para a geração de empregos e o desenvolvimento de minha região."



Processamento e seleção de abacaxis em conserva nas instalações da fábrica da Bela Joana, em Campos

## *De olho na qualidade*

A Cooperativa de Quissamã é até o momento a única a exportar a fruta *in natura* – coco e abacaxi.

Na região, a exportação de frutas frescas ainda não é significativa. O objetivo é produzir frutas de qualidade, cultivadas sem utilização de agrotóxicos, que sejam aceitas em qualquer parte do mundo e atendam à demanda de um mercado consumidor cada vez mais exigente em relação à segurança alimentar.

A área plantada tem 6 mil hectares, toda irrigada e trabalhada por agricultores profissionais que visam equiparar a produção brasileira aos produtores internacionais, consolidando seus padrões de qualidade e competitividade, de acordo com as exigências do mercado importador.

economia brasileira se recuperar, esse será um grande mercado para nós", prevê.

### Bons frutos

Há três anos, com o lançamento do programa Frutificar, o governo do estado encontrou um caminho para apoiar o agricultor e o Pólo de Fruticultura. Como a atividade é desenvolvida essencialmente por pequenos produtores, uma linha de crédito especial – Frutificar – foi criada a partir de recursos do Tesouro Estadual, com juros de 2% ao ano, sem correção, e prazo de até cinco anos para pagar.

Segundo Salazar, além da iniciativa do governo do estado, o governo federal também dá grande apoio à produção, por meio de empréstimos com taxas diferenciadas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "Do ponto de vista de créditos, eu poderia dizer que a situação é boa, embora ainda existam alguns pequenos entraves, como o crédito comercial. No entanto, essa dificuldade



Para Salazar Brandão, a boa infra-estrutura logística dá ao Rio vantagem competitiva

é encontrada na agricultura brasileira de modo geral".

Como resultado, o número de produtores interessados no projeto de fruticultura cresceu e os empresários voltaram sua atenção às possibilidades oferecidas pelo processamento da produção de frutas geradas pelo pólo, especialmente a exportação. Com isso as primeiras parcerias foram estabelecidas e teve início a implantação das fábricas na região.

Em 2000, a Bela Joana, Sucos e Frutas Ltda. inaugurou a primeira indústria de processamento de frutas em Campos dos Goytacazes. Segundo o diretor da empresa, Américo Xavier Maia Neto, a decisão de implantar um parque industrial pretendia mostrar ao agricultor que ele poderia plantar porque teria para quem vender a produção.

"A fábrica deseja produtos de qualidade, que não precisam necessariamente ser frutos grandes, bonitos, próprios para serem expostos em prateleiras. Fazemos um contrato com o produtor garantindo a compra de até 100% de sua produção, com preços preestabelecidos e correção em dólar. Dessa forma, fica acertado que a Bela Joana é obrigada a comprar 100%, e ele deve entregar à empresa 50%. Essa diferença serve para mostrar ao produtor que ele não está preso a uma situação em que seria obrigado a vender para a fábrica a qualquer custo ou condição", explica Xavier.

Quando o produtor faz sua colheita, as frutas maiores e mais vistosas podem ser separadadas para que ele revenda a outras empresas – supermercados, por exemplo – por preços mais atrativos. A fábrica compra as restantes, independentemente do tamanho; só não são aceitas frutas verdes ou podres.

Para o agricultor isso representa uma enorme vantagem, porque não sobram frutas no campo. Na região do São Francisco, na Bahia, por exemplo, área de produção do abacaxi pérola, era comum o atacadista comprar apenas as frutas bonitas; os 30% restantes ficavam estragando no pé. O que não se levava em conta é que se essa fruta não interessa para a venda em prateleira, serve para fazer suco.

No final de 2001, a fábrica começou a produzir polpas de maracujá e ananás, além de abacaxi em conserva. O início da produção em caráter industrial se deu em 2002, depois de estabelecida uma parceria com os produtores locais. Nesse mesmo ano esmagaram-se 18 mil toneladas de frutas tropicais e se produziram 2 mil toneladas de concentrado de frutas – abacaxi e maracujá –, 90% das quais seguiram para Holanda, Espanha, Israel, Austrália e Argentina.

Associada ao grupo português Refrigor/Sumol, que possui um importante canal de distribuição na Europa – é responsável pela Pepsi no continente –, a empresa inicia agora um processo de diversificação de produtos, utilizando goiaba e manga, e investe numa nova unidade fabril para a produção de suco pronto para o consumidor, cuja inauguração está prevista para novembro deste ano.

Mas os projetos da Bela Joana não param por aí. A empresa

possui uma área plantada de 250ha que servirá como laboratório para a região, motivando os investimentos e servindo para o planejamento da produção de sucos prontos para beber. Ainda de acordo com Américo Xavier, a região ganhou crescimento social e desenvolvimento, além da criação de 15 mil empregos, diretos e indiretos.

"A fruticultura é voltada para pequenos agricultores. Se são 840 produtores integrados à fábrica, têm-se também em torno de 3 a 4 hectares por área plantada. Isso gera uma economia familiar ativa, uma vez que essas pessoas dificilmente arranjam empregos fora do campo", estima Américo, que faz uma comparação: "é interessante notar que em 100ha de pasto, há um único homem para cuidar do gado. Nos mesmos 100ha de frutas, existem 300 pessoas trabalhando, o que faz dessa atividade uma alavanca social.

## Exportar, alvo principal

Ao ser criado, o Pólo de Fruticultura visava essencialmente o mercado externo. Embora bom produtor, o Brasil ainda não sabe lidar muito bem com as exportações e a prova maior disso é que são produzidos no país 43 milhões de toneladas de frutas, mas apenas 1,5% desse total é exportado.

Principal comprador das frutas brasileiras, o mercado europeu tem-se tornado cada vez mais exigente em relação aos produtos que importa, e enfrenta crescente pressão dos grandes supermercados sobre os vendedores de frutas para que melhorem a qualidade de sua produção.

No âmbito de uma política de respeito ao meio ambiente, surgem as exigências para que produtos agrícolas sejam cultivados sem agrotóxicos ou com a utilização mínima desses insumos poluentes. A União Européia (UE)



As plantações de mamão em Campos receberam recursos do programa estadual Frutificar

determinou que, a partir de 2005, sejam consumidos apenas produtos que tenham sido cultivados dentro do sistema de Produção Integrada de Frutas (PIF).

Isso significa que o cultivo de frutas deverá ser feito dentro dos mais rigorosos padrões de controle de qualidade e inclui também a exigência de rastreamento para todas elas.

A partir de uma pequena etiqueta contendo um código de barras, presa à fruta, o país comprador poderá encontrar todas as informações necessárias sobre aquele alimento, inclusive se foi utilizado algum tipo de agrotóxico e em que quantidade. Até o momento, no Brasil, apenas a maçã – que não faz parte do projeto de fruticultura fluminense – tem código de rastreamento.

As novas determinações da UE para 2005 são um desafio. Embora pareça difícil num primeiro momento, é viável a utilização de códigos rastreadores em todos os frutos. E compreensível também: no Brasil, o grande problema dos agroquímicos é a certificação. Quando se procura saber quais foram os agrotóxicos utilizados num determinado cultivo ou onde estão registrados, as informações são inexistentes.

Para a implantação da Produção Integrada de Frutas no Brasil foi preciso formar grupos multidisciplinares de trabalho que reúnem pesquisadores, produtores, técnicos e empresas de pesquisas, além do apoio federal, estadual e municipal. Fundamental, no entanto, é a organização da base produtiva, sem a qual não há possibilidade de existir a produção integrada.

Américo Xavier, da Bela Joana, explica: "Temos um projeto determinando que, para se estabelecer parceria com um produtor, será necessário haver antes uma avaliação agrícola com análise da terra, do solo e da água desse agricultor".

Esse trabalho passa também pela qualificação do fruticultor. Recentemente, numa parceria com o Sebrae-RJ, a Bela Joana pôs em sala de aula 270 agricultores para ensinar as técnicas de plantio limpo. O projeto de avaliação agrícola deverá ser dividido em três fases: motivação do produtor à participação, sua qualificação e certificação do produto, que não encontrará comprador no mercado externo se não for de boa qualidade.

No caso da fruticultura, desenvolvida em pequenas produções, a criação de associações é importante porque as cooperativas controlam a qualidade dos produtos e facilitam a integração ao PIF, visto como o futuro da fruticultura. Importante será também definir algumas áreas experimentais para que se possam comparar os resultados obtidos nas produções integradas e convencionais.